



XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

FLUXO MIGRATÓRIO PARA AS CIDADES MÉDIAS MINEIRAS: UMA ANÁLISE PARA O ANO
2000

Suzana Quinet de Andrade Bastos (UFJF) - quinet.bastos@ufjf.edu.br

Economista, Professora do Mestrado de Economia Aplicada da UFJF

Larissa da Silva Marioni (UFJF) - larissamarioni@hotmail.com

Aluna da graduação em Economia e Bolsista de Iniciação Científica

1. INTRODUÇÃO

Tanto a circulação quanto a distribuição de capital no espaço ocorrem em redes estruturadas hierarquicamente, e não de maneira aleatória, as quais articulam as várias regiões econômicas de diversos tamanhos.

A rede urbana se estrutura de forma a conter um centro de produção, que é a metrópole, capaz de concentrar vantagens suficientes para atender uma grande demanda local. O equilíbrio no centro urbano é determinado pelo *trade-off* entre o benefício das economias de aglomeração e o custo gerado pelas deseconomias de aglomeração (PEREIRA; LEMOS, 2004).

A cidade de maior densidade urbana se constitui num centro de consumo coletivo, atraindo fluxos populacionais em busca de atividades especializadas. Esse fluxo é originário de locais com menor densidade urbana, que formam as áreas de influência do local central. (SERRA, 1998).

O grau de polarização das cidades depende da área de atuação destas e da complexidade de suas estruturas econômicas. Esses fatores determinam o padrão de demanda e a oferta dos bens e serviços centrais, concedendo maiores graus de complexidade e conseqüentemente maiores graus também de polarização. Quanto maior o nível hierárquico de uma cidade, maior a capacidade de sua economia de fornecer bens de maior valor para o atendimento do mercado local.

Assim, as cidades criam em torno de si áreas de influência que são determinadas pelo alcance das vias de transporte e comunicação e são responsáveis pela propagação do desenvolvimento e das inovações. Por esse motivo, as áreas mais atraídas são as que lhes são mais próximas em detrimento das que são mais afastadas (GARCIA; NOGUEIRA, 2008).

Segundo Serra (1998), a capacidade das cidades médias de ofertarem bens e serviços materiais e imateriais e oferecerem uma infra-estrutura produtiva e uma complexidade na divisão do trabalho permitiram que se tornassem uma alternativa de localização às grandes metrópoles.

As cidades médias são alvos de pesquisa em decorrência de seu crescimento tanto econômico como demográfico. A importância dada às cidades médias foi favorecida pela reversão da polarização (tese de Richardson na década de 1970) observada principalmente nos países desenvolvidos, em que os fluxos migratórios se deslocaram para essas cidades em função das regiões metropolitanas terem chegado ao limite de ganhos de aglomeração e apresentarem deseconomias de escala, em decorrência do aumento dos custos privados e sociais associados a: poluição, grande concentração demográfica, esgotamento da infra-

estrutura produtiva e de serviços ligados a saúde dos moradores, aumento dos preços dos aluguéis, dentre outros.

Dessa forma, a cidade grande se torna menos atraente o que leva a população e as atividades industriais a se desconcentrarem desse local em direção a cidade média tendo em vista que, essas possuem economias de aglomeração significativas, tais como: existência de melhores infra-estruturas, tanto básica quanto urbana, facilidade de obtenção de produtos industrializados diversos, crédito mais abundante, grande mercado consumidor, abundância de serviços e mão-de-obra especializada. As cidades médias também apresentam menores índices de criminalidade, redução no tempo de deslocamento para atividades, tal como o trabalho, maior oferta de áreas verdes, menores preços de aluguéis, índice menor de poluição, maiores oportunidades de acesso à informação e melhores recursos educacionais (GOLGHER; GOLGHER, 2000).

Assim, as cidades médias são vistas como “diques” para o fluxo migratório, e se tornam uma alternativa de localização em detrimento da concentração nos centros metropolitanos. Além disso, tem o papel de polarizadoras dos fluxos populacionais vindos de pequenos centros urbanos, pois não são tão pequenas, a ponto de limitar o crescimento econômico e intelectual dos habitantes e nem tão grandes, a ponto de onerar a vida dos mesmos (RIGOTTI; CAMPOS, 2002).

A migração é importante não só para as pessoas que trocam de residência, mas também para o desenvolvimento dos países, das regiões, para o crescimento populacional das cidades.¹ Para Santos Jr., Menezes-Filho e Ferreira (2003), os migrantes formam um grupo selecionado positivamente, ou seja, são mais aptos, motivados e ambiciosos.

Sachsida *et al.* (2009) destacam questões interessantes sobre o perfil do migrante brasileiro, como o fato de que a raça dos migrantes segue o padrão da população brasileira, sendo incorreto afirmar que determinadas raças tem maior propensão a migrar. Com relação ao sexo, as mulheres são maioria (51,3% de mulheres e 48,7% de homens sendo este o padrão da população brasileira. A faixa etária mais propensa a migrar é entre 27 e 44 anos, período ativo para o trabalho e na qual a qualificação educacional já está completa. Em relação à habilidade de ler e escrever, a maior parte dos migrantes sabe ao menos ler, sendo que esse percentual é maior para os migrantes que para os não-migrantes reforçando que os migrantes brasileiros são selecionados positivamente.

Golgher (2004) aponta que o indivíduo está mais sujeito a migrar de acordo com a idade, pois os mais jovens tendem a moverem mais que as pessoas mais idosas. A renda e a escolaridade também são fatores de influência, pois indivíduos que apresentam maior renda e maior escolaridade tendem a migrar mais, visto que absorvem melhor os custos da migração e participam de um mercado mais amplo que as de renda baixa.

Considerando que a composição da população influencia diretamente nas características sociais e econômicas de determinada região, o presente trabalho tem por objetivo analisar inicialmente a origem do fluxo migratório em direção às cidades médias mineiras no ano de 2000 e, num segundo momento, o perfil do migrante que vai para as cidades médias do Estado de Minas Gerais.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: além dessa introdução, o tópico dois aborda o processo de concentração e desconcentração das metrópoles com o conseqüente movimento de polarização das cidades médias. O tópico terceiro apresenta a metodologia e a base de dados utilizada. O tópico quarto analisa os resultados e o tópico seguinte apresenta as conclusões.

2. CONCENTRAÇÃO E DESCONCENTRAÇÃO URBANA

No Brasil, a rede urbana era desarticulada, fragmentada e fortemente ligada ao litoral até o início do século XIX, devido à economia primário-exportadora dos séculos anteriores. Apenas com o advento do café se instalou o mercado interno, inicialmente no Rio de Janeiro, Minas Gerais e vale do Paraíba em São Paulo. Posteriormente o Planalto Paulista passou a ser a nova rota do café o que fez com que São Paulo se tornasse a região mais desenvolvida do país. Em conseqüência foram realizadas mudanças na infra-estrutura da região como redes ferroviárias e serviços urbanos as quais, juntamente com as políticas de atração feitas pelo governo para captar o trabalho assalariado nas lavouras.

O aumento da renda interna do país alavancado por um aumento das receitas geradas pelo setor exportador impulsionou o consumo de bens manufaturados e estimulou a nascente indústria brasileira. Dessa forma verifica-se uma dependência entre o setor exportador e o desenvolvimento de atividades econômicas internas. A primeira Guerra Mundial resultou em diminuição das importações, com isso a região de São Paulo fortaleceu a industrialização, decorrente da ampliação da produtividade das indústrias existentes face ao aumento da demanda interna.

Num segundo momento, a crise no setor externo devido à crise do café e à Grande Depressão, propiciou a Industrialização. A partir da década de 1930, houve um crescimento do setor industrial no eixo Rio - São Paulo em função do aumento da acumulação de capital. Esse fenômeno foi responsável pela maior concentração industrial e demográfica nessa região até a década de 1970ⁱⁱ.

.Pós anos 1970 inicia-se um processo de desconcentração industrial e demográfica de São Paulo.. Para Andrade e Serra (1998), neste processo as cidades médias passam a ter um papel decisivo, tendo em vista que, serviam de alternativa às metrópoles. Também é

nessa época que foram assegurados planos de intervenção governamental que ajustaram políticas para as cidades médias.

O Estado brasileiro adotou uma posição de desconcentrar a economia dentro de um limite que não prejudicasse a produtividade dos grandes centros urbanos. A ocupação territorial era uma estratégia de desenvolvimento nacional, sobretudo num país como o Brasil que apresentava grandes vazios urbanos em seu território de dimensões continentais. Em 1971, é lançado o I PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), que apesar de não explicitar as cidades médias, colocou que o desenvolvimento regional era baseado na política de integração nacional (AMORIM FILHO; SERRA, 2001).

O segundo PND (1974) teve como objetivo apoiar os centros médios com o intuito de impedir o avanço migratório para o Sudeste. Havia uma preocupação em relação à Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) e com o equilíbrio da região compreendida por São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Entretanto, essa preocupação com a descentralização buscava manter a escala produtiva e as economias de aglomeração.

A década de 1980, por sua vez, trouxe mudanças em todo o país decorrente da crise econômica juntamente com o aumento das deseconomias de aglomeração nas grandes metrópoles, com forte destaque para a RMSP. Houve uma diminuição da política de intervenção estatal decorrente da política macroeconômica voltadas para a estabilidade monetária, controle da dívida interna e externa e para a crise fiscal que acabou com os recursos públicos disponíveis (AMORIM FILHO; SERRA, 2001).

De acordo com Diniz (1993) o processo de reversão da polarização no Brasil se deu em duas etapas. A primeira constituiu na dilatação da produção industrial para todo o país, e na segunda etapa, ocorreu uma reconcentração dentro da área delimitada por: Belo Horizonte, Uberlândia, Londrina/Maringá, Porto Alegre, Florianópolis, São José dos Campos, Belo Horizonte. A distribuição se deu em direção às cidades médias e pequenas, as quais em sua maioria se localizam entre a região Sudeste e a região Sul. Essa porção incluía as partes mais desenvolvidas do estado de Minas Gerais, como as regiões Sul/Sudoeste e Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba, altamente relacionadas à região central do estado – na qual se localiza a Região Metropolitana de Belo Horizonte – e a economia paulista.

A desconcentração urbana das grandes metrópoles, também pode ser relacionada à Terceira Revolução Científica Tecnológica, pós anos 70, pois o desenvolvimento de tecnologias de comunicação ao possibilitar a redução de custos de transferência como transporte de insumos e de produtos, permite a localização de investimentos em cidades médias próximas às redes de transporte e com boa infra-estrutura de comunicação.ⁱⁱⁱ

Segundo Andrade, Santos e Serra (2000), as cidades médias brasileiras apresentaram uma expansão demográfica nos últimos anos. Excetuando as cidades médias metropolitanas e capitais, as demais atraíram um número significativo de migrantes, sendo que as cidades médias da região Sudeste receberam em torno de 1,7 milhões de imigrantes entre 1980 e 1996, enquanto a região metropolitana de São Paulo recebeu 1,5 milhões.

Como se pode verificar na Tabela 1, as cidades médias brasileiras apresentaram na década de 80, saldo migratório positivo, com destaque para a região sudeste, que concentra o maior percentual migratório (61,68%) dentre as regiões brasileiras.

TABELA 1: Saldo migratório das cidades médias - 1980/91

Cidades Médias	Saldo Migratório	
	Quantidade	Percentual
Norte e Centro Oeste	296720	21,68
Nordeste	79070	5,78
Sul	148784	10,87
Sudeste	844257	61,68
Total	1368831	100
RJ, MG, ES	287370	34,04
SP	556887	65,96
Total	844257	100

FONTE: ANDRADE; SANTOS; SERRA (2000).

Para Andrade e Serra (2001), o crescimento econômico das cidades médias trouxe como pontos positivos: a redução potencial da pobreza urbana, melhores possibilidades do setor público garantir infra-estrutura básica, minimização da perda de produtividade da atividade econômica, intensificação do processo de ocupação e integração do território nacional e melhoria da preservação ambiental.

A elevação da participação das cidades médias na distribuição do produto nacional pode ser vista como uma combinação entre as necessidades de distribuir espacialmente a riqueza nacional e as de buscar níveis de produtividade compatíveis com as exigências de competitividade impostas pela crescente globalização da economia (AMORIM FILHO; SERRA, 2001).

2.1. Minas Gerais

Durante os anos 1950 Minas não conseguiu seguir no mesmo ritmo de São Paulo e enviou um grande número de pessoas para esse estado. A Região Metropolitana de Belo

Horizonte (RMBH) tornou-se uma área de atração interna conseguindo polarizar grande parte do fluxo migratório de todo o estado de Minas Gerais.

Na década de 1960, Minas continuou mantendo-se como um estado expulsor de migrantes, visto que todas as suas regiões apresentaram saldo migratório negativo, com exceção da RMBH, que teve o maior crescimento do país (RIGOTTI; CAMPOS, 2002).

Nos anos 1970, Minas Gerais perdeu um número menor de pessoas e o Triângulo Mineiro apresentou saldo positivo. Nessa época, ocorreu em Belo Horizonte aumento de preços dos aluguéis e maior rigidez na legislação urbana, o que dificultou o acesso urbano à população de baixa renda, fazendo com que a RMBH enviasse um grande contingente populacional para os municípios periféricos. Entretanto, esse não foi um processo apenas mineiro, pois a nível nacional as regiões metropolitanas enviaram um número grande de pessoas para os municípios periféricos. Em Minas Gerais, as cidades médias foram incluídas nos Planos de Desenvolvimento feitos na administração estadual de 1975 a 1978 (AMORIM FILHO; SERRA, 2001).

Na década de 80, Minas Gerais que era juntamente com os estados nordestinos, fonte de emigração inverteu essa situação passando a receber migrantes, inclusive os de retorno. Em Minas Gerais, a maioria das microrregiões apresentou saldo migratório positivo nos anos 90 e aquelas que não o tiveram (Montes Claros, Poços de Calda e Varginha) perderam menos pessoas com o decorrer do tempo. O saldo migratório das cidades médias mineiras aponta o peso destas, como fator de retenção populacional (Tabela 2).

TABELA 2: Saldo migratório e taxa líquida de migração das microrregiões

Microrregião	Saldo migratório 1980-1990	Saldo migratório 1991-1996
Belo Horizonte	165.242	132.792
Ipatinga	-33.844	2.133
Juiz de Fora	7.030	18.809
Montes Claros	-33.304	-28.890
Poços de Caldas	6.736	-3.644
Sete Lagoas	19.674	15.424
Uberaba	-26.161	12.224
Uberlândia	49.247	18.288
Varginha	-5.649	-2.248

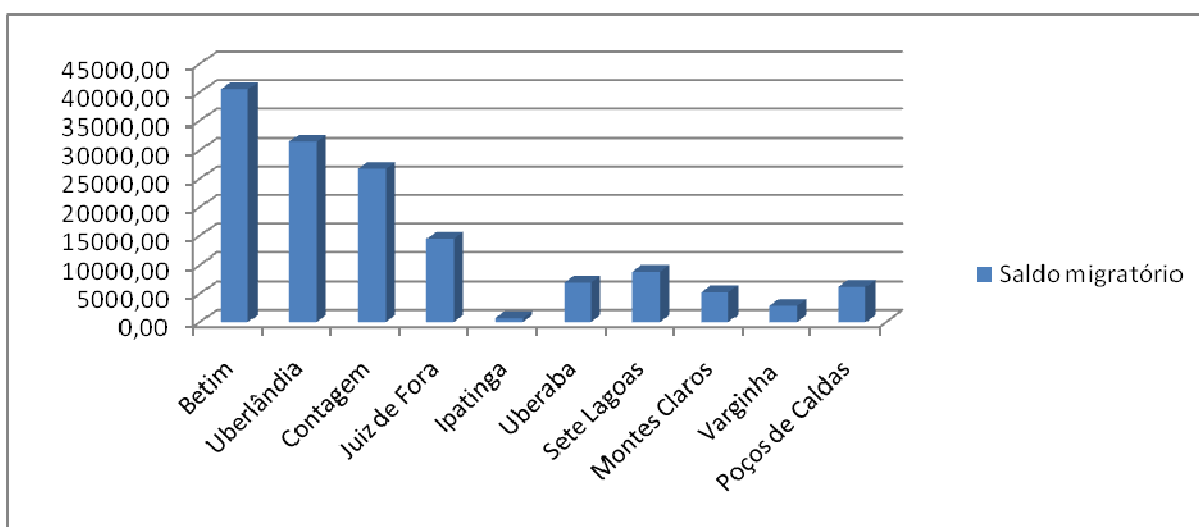
FONTE: GOLGHER; GOLGHER (2000).

Entre 1991 e 1996, Minas aumentou seu poder de atração/retenção populacional, contudo, esse processo não se deu de forma homogênea pois a maioria das áreas que na década anterior perderam população continuaram a perder e as que tinham saldos

migratórios positivos continuaram absorvendo migrantes. Entre 1995 e 2000, a RMBH enviou migrantes para o interior do estado, com destaque para as cidades de Montes Claros, Juiz de Fora, Uberlândia e Governador Valadares (RIGOTTI; CAMPOS, 2002).

As principais cidades médias mineiras, no período de 1995 a 2000, apresentaram saldo migratório positivo com destaque para as cidades próximas a capital Belo Horizonte – Betim, Uberlândia e Contagem - e para a cidade de Juiz de Fora, pólo da Zona da Mata. Ipatinga, apesar de possui um saldo ainda baixo, vem revertendo aos poucos a situação que apresentava no passado de expulsar migrantes.^{iv}

GRÁFICO 01 – Saldo migratório 1995-2000



FONTE: IBGE, 2000.

Para Garcia e Nogueira (2008), as cidades médias mineiras estão entre as que apresentaram maior taxa de crescimento demográfico urbano do país. As cidades como Juiz de Fora, Uberlândia, Governador Valadares, Ipatinga e Montes Claros são pólos regionais que comandam as regiões ao seu redor.

3. METODOLOGIA E BASE DE DADOS

A caracterização das cidades médias é algo que não possui senso comum, pois não existe uma definição exata do que é cidade média que possa ser usada por economistas, geógrafos, demógrafos, arquitetos e sociólogos (AMORIM FILHO; SERRA, 2001).

Para Amorim Filho e Serra (2001) a cidade média deve conter as seguintes distinções: i) tamanho demográfico e funcional suficiente para que possa oferecer uma alta gama de bens e serviços aos espaços a ela ligados; ii) interações constantes e duradouras com seu espaço regional e com as aglomerações urbanas de hierarquia superior –

metrópoles; iii) diferenciação do espaço intra-urbano, com um centro funcional particular e uma periferia dinâmica; iv) aparecimento de problemas semelhantes aos das grandes metrópoles, mas em escalas menores; v) capacidade de receber e fixar migrantes das cidades menores ou da zona rural, oferecendo trabalho e funcionando como alternativa ao fluxo que se destina em direção às grandes cidades, já fartas. Para os autores, apesar destas características, as relações externas, estruturas, problemas sociais, e tamanho demográfico das cidades médias, estão sujeitos a variações de acordo com o país e região a qual estão inseridas, resultado do processo de formação histórico-social desses locais.

Serão consideradas como cidades médias mineiras as dez cidades com maiores Produto Interno Bruto (PIB) total do estado de Minas Gerais no ano de 2007, com exceção da cidade de Belo Horizonte, já que esta é uma metrópole (Tabela 3). Portanto, as cidades utilizadas serão: Betim, Uberlândia, Contagem, Juiz de Fora, Ipatinga, Uberaba, Sete Lagoas, Montes Claros, Varginha e Poços de Caldas.

TABELA 3: Os maiores PIB de Minas Gerais, 2007

Posição	Cidade	Participação Relativa (%)
1º	Belo Horizonte	15,8
2º	Betim	8,9
3º	Uberlândia	5,2
4º	Contagem	5,1
5º	Juiz de Fora	2,7
6º	Ipatinga	2,3
7º	Uberaba	2,2
8º	Sete Lagoas	1,6
9º	Montes Claros	1,3
10º	Varginha	1,2
11º	Poços de Caldas	1,1

FONTE: IBGE (2007).

Em termos de base de dados utilizou-se o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000.^v Os dados foram extraídos do programa STATA/STATISTICS/DATA ANALYSIS versão 9.0.

Inicialmente é bom enfatizar que o movimento migratório para as cidades médias mineiras tiveram duas origens: fluxo de migrantes como consequência do processo de desconcentração das metrópoles e fluxo de migrantes das pequenas e médias cidades ao seu redor como consequência do processo de polarização regional.

Para verificar a origem dos migrantes foram analisadas para cada cidade média as cidades com maior participação relativa no fluxo migratório. Foi verificado se o migrante que

foi para a cidade tinha como origem uma metrópole ou demais cidades, sendo estas últimas divididas em cidades do próprio estado de Minas Gerais e cidades de outros estados. A variável utilizada para a análise foi “onde moravam os migrantes 5 anos antes do censo”.

Já para a análise do perfil dos migrantes foram utilizadas as variáveis: “sexo”, “cor/raça”, “saber ler e escrever”, “anos de estudo”, “total de rendimentos em salários mínimos” e “idade”. Sendo que nas três últimas foram utilizadas as médias e nas duas últimas foram consideradas apenas as pessoas entre 20 e 70 anos, que de acordo com a metodologia usada por Santos Jr. (2003) são as pessoas que fazem parte da população economicamente ativa.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados envolvem a apresentação e análise dos dados referentes à origem e ao perfil dos migrantes mineiros.

4.1. Origem dos migrantes

O Quadro 1 mostra a metrópole/cidade de origem e o percentual dos migrantes para cada uma das dez cidades médias mineiras. Foram consideradas apenas as dez cidades (metrópoles e demais cidades) que mais enviam migrantes para as cidades médias no ano 2000.

As metrópoles que mais enviaram migrantes para as cidades médias mineiras foram Belo Horizonte e São Paulo. Belo Horizonte apesar de estar presente em todas as cidades médias do estado, teve maior participação percentual nas cidades mais próximas, como Contagem (42,32%), Betim (26,62%) e Sete Lagoas (20,84%). São Paulo, por sua vez, esteve presente em quase todas as cidades médias mineiras, excetuando-se Sete Lagoas e, com participação significativa em Poços de Caldas (15,90%) e Varginha (15,76%).

A proximidade geográfica influenciou muito a migração em Minas Gerais. Poços de Caldas recebeu migrantes do estado de São Paulo, inclusive da capital, enquanto Juiz de Fora recebeu um número muito grande de pessoas originárias do estado do Rio de Janeiro (10,83%). Uberlândia e Uberaba atraem pessoas de Goiânia (2,59%) e Brasília (2,03%).

Contagem recebeu maior número de migrantes de metrópoles (44,18%) do que das cidades próximas (12,25%) e Belo Horizonte foi a grande responsável por essa discrepância, pois 42,32% do total de migrantes vieram dessa cidade, Betim, que é a segunda maior cidade a enviar migrantes para Contagem teve uma participação percentual de apenas 3,41%.

QUADRO 1: Origem dos migrantes das cidades médias mineiras

CIDADES MÉDIAS	ORIGEM					
	METRÓPOLES	%	OUTRAS CIDADES			
			Minas Gerais		Outros Estados	
				%		%
CONTAGEM	Belo Horizonte São Paulo	42,32 1,86	Betim Sem especificação Ibirité Teófilo Otoni Ribeirão das Neves Montes Claros Governador Valadares Ipatinga	3,41 1,87 1,72 1,29 1,27 1,05 0,93 0,71		
TOTAL		44,18		12,25		
UBERLÂNDIA	São Paulo Goiânia Belo Horizonte	5,19 2,59 2,48	Ituiutaba Araguari Sem especificação Uberaba Patos de Minas Tupaciguara	5,7 2,59 1,99 1,85 1,77 1,7	Itumbiara - GO	3,21
TOTAL		10,26		15,6		3,21
JUIZ DE FORA	Rio de Janeiro Belo Horizonte São Paulo	10,83 3,83 3,29	Betim Sem especificação Barbacena Muriaé	3,42 2,51 2,34 1,99	Três Rios - RJ Petrópolis - RJ Volta Redonda - RJ	2,63 2,36 1,93
TOTAL		17,95		10,26		6,92
BETIM	Belo Horizonte São Paulo	26,62 1,47	Contagem Sem especificação Ibirité Governador Valadares Teófilo Otoni Montes Claros Ipatinga Águas Formosas São Domingos do Prata	24,63 2,06 1,54 1,17 0,95 0,72 0,71 0,69 0,69		
TOTAL		28,09		33,16		
MONTES CLAROS	Belo Horizonte São Paulo	6,65 6,42	Coração de Jesus Francisco Sá Janaúba Grão Mogol Sem especificação Bocaiúva Januária São João da Ponte	5,15 4,57 3,48 2,98 2,92 2,81 2,42 2,26		
TOTAL		13,07		26,59		
IPATINGA	Belo Horizonte São Paulo	6,92 3,8	Governador Valadares Coronel Fabriciano Caratinga Sem especificação Belo Oriente Açucena Inhapim Tarumirim	6,87 4,41 4,1 2,97 2,37 2,18 2,17 1,96		
TOTAL		10,72		27,03		
POÇOS DE CALDAS	São Paulo Belo Horizonte	15,9 4,05	Botelhos Campestre Sem especificação Caldas Alfenas	4,15 3,27 2,67 2,3 2,26	Caconde - SP Campinas - SP São Sebastião da Gramma - SP	2,38 2,27 2,0
TOTAL		19,95		14,65		6,65

UBERABA	São Paulo	8,15	Uberlândia	5,56		
	Belo Horizonte	2,22	Sem especificação	2,51		
	Brasília	2,03	Conquista	2,19		
			Araxá	1,81		
			Conceição das Alagoas	1,7		
			Patos de Minas	1,61		
			Ituiutaba	1,6		
TOTAL		12,4		16,98		
SETE LAGOAS	Belo Horizonte	20,84	Curvelo	4,46		
	Rio de Janeiro	1,84	Santana de Pirapama	3,28		
			Diamantina	3,1		
			Contagem	2,71		
			Sem especificação	2,61		
			Corinto	2,38		
			Montes Claros	2,18		
			Paraopeba	1,86		
	TOTAL		22,68		22,58	
VARGINHA	São Paulo	15,76	Três Pontas	6,59	São José dos Campos - SP	1,91
	Belo Horizonte	5,44	Nepomuceno	5,86		
			Três Corações	4,44		
			Alfenas	2,4		
			Boa Esperança	2,21		
			Elói Mendes	2,15		
			Pouso Alegre	2,06		
	TOTAL		21,2		25,71	

FONTE: IBGE, 2000.

A cidade de Uberlândia é uma das maiores cidades de Minas Gerais e está também entre as mais desenvolvidas do interior do país, fato este que afeta a decisão migratória e explica a alta participação relativa de São Paulo (5,19%), bem como das cidades ao seu redor, como Ituiutaba (5,70%). Devido à proximidade com o estado de Goiás, a cidade recebeu também migrantes vindos deste, com destaque para a capital Goiânia (2,59%) e para a cidade de Itumbiara (3,21%).

Juiz de Fora, por sua vez, apresentou taxas mais homogêneas entre as cidades médias mineiras (10,26%) e as metrópoles (17,95%), contudo essa cidade tem uma peculiaridade que é a de absorver um grande número de pessoas vindas do estado do Rio de Janeiro (10,83%). Juiz de Fora é um pólo regional na Zona da Mata Mineira absorvendo percentual significativo de pessoas das cidades vizinhas como Barbacena (2,34%) e Muriaé (1,99%) atraídas pelos setores de serviço e industrial.

Betim a partir da década de 1960, contou com a instalação da Refinaria Gabriel Passos e da Fiat Automóveis, o que explica a migração vinda tanto de Belo Horizonte (26,62%) quanto de Contagem (24,63%), que representam a maior parte da migração para esta cidade somando essas duas 51,25% do total.

Montes Claros também exerce uma grande influência nas cidades ao seu redor bem como nas duas metrópoles mais expressivas do fluxo migratório mineiro, São Paulo (6,42%) e Belo Horizonte (6,65%). Isso decorre do fato dessa cidade estar se tornando um grande

pólo industrial, devido ao desenvolvimento tanto do setor de comércio quanto de serviços. A cidade também absorve migrantes vindos das cidades vizinhas mais pobres, como Coração de Jesus (5,15%) e Francisco Sá (4,57%).

Ipatinga é uma das principais cidades do Vale do Aço, sua produção industrial se dá em grande parte pela Usiminas atraindo assim, migrantes das cidades próximas como Governador Valadares (6,87%), Coronel Fabriciano (4,41%) e Caratinga (4,10%). A metrópole de Belo Horizonte (6,92%) tem uma participação relativa alta no fluxo migratório para essa cidade.

Poços de Caldas é uma cidade tradicionalmente turística, mas que abriga também muitas indústrias. Por localizar-se no sul de Minas Gerais, muito próxima ao estado de São Paulo recebe um número alto de pessoas vindas desse estado, sendo que a capital do estado, a cidade de São Paulo, tem uma grande participação nesse processo, representando 15,9% do total de migrantes da cidade de Poços de Caldas.

Uberaba vem atraindo novos investimentos a fim de diversificar sua economia voltada tradicionalmente à agropecuária. A cidade recebeu seu maior número de migrantes da cidade de São Paulo (8,15%) e da vizinha desenvolvida, Uberlândia (5,56%). Apesar de ser uma cidade próxima ao estado de Goiás, recebeu um número significativo de migrantes apenas da capital nacional, Brasília (2,03%).

Sete Lagoas garante sua atratividade através da siderurgia. As taxas de migrantes vindos das cidades vizinhas (22,58%) e das metrópoles (22,68%) são muito próximas, contudo a cidade de Belo Horizonte possui um percentual muito alto e discrepante do resto das cidades, com 20,84% do total.

Varginha, por sua vez, tem como principal atração a produção de café que além de atrair o fluxo migratório do próprio estado de Minas Gerais (25,71%), atrai pessoas vindas do estado de São Paulo (15,76%).

4.2. Perfil dos migrantes

O Quadro 2 mostra o perfil tanto dos migrantes quanto dos não-migrantes, para cada uma das dez cidades médias mineiras.

Em todas as cidades médias foi observado um maior percentual de mulheres em relação à população total, tanto no que tange aos migrantes quanto aos não-migrantes. De acordo com Sachsida *et al* (2009), essa característica é padrão da população brasileira, desse modo, não é uma variável para a decisão de migrar.

QUADRO 2: Perfil dos migrantes das cidades médias mineiras

Cidades Médias	CONTAGEM		MONTES CLAROS		POÇOS DE CALDAS		SETE LAGOAS		UBERLÂNDIA	
	Migrantes	Não-migrantes	Migrantes	Não-migrantes	Migrantes	Não-migrantes	Migrantes	Não-migrantes	Migrantes	Não-migrantes
Participação Relativa	58,73	41,27	40,42	59,58	48,37	51,63	45,98	54,02	56,35	43,65
Sexo										
Masculino	47,81	50,52	46,33	49,75	48,21	49,35	47,43	49,68	48,41	49,81
Feminino	52,19	49,48	53,67	50,25	51,79	50,65	52,57	50,32	51,59	50,19
Cor/Raça										
Branca	47,91	47,03	43,31	42,4	78,33	77,71	43,85	37,62	64,76	65,15
Preta	7,97	7,75	5,84	5,15	5,35	6,12	6,74	7,28	5,79	7,26
Parda	43,1	44,12	49,91	51,51	15,22	15,57	47,87	54,1	28,29	26,69
Outras	1,02	1,1	0,94	0,94	1,08	0,62	1,54	1,1	1,15	0,9
Vive em companhia										
Sim	63,26	40,22	61,93	49,58	66,74	54,04	61,71	46,41	64,51	51,98
Já viveu	15,77	7,76	15,64	10,03	15,53	11,65	16,07	10,52	16,37	12,82
Nunca	20,97	52,02	22,44	40,39	17,73	34,31	22,22	43,07	19,12	35,2
Saber ler e escrever										
Sabe	91,3	73,2	87,5	75,1	91,28	79,06	89,06	77,56	92,24	76,95
Não sabe	8,7	26,8	12,5	24,9	8,72	20,94	10,94	22,44	7,76	23,07
Setor de atividade										
Primário	0,75	0,55	4,94	9,84	6,21	6,82	3,48	2,39	4,56	4,6
Secundário	29,33	29,73	24,55	22,95	29,81	28,44	30,61	30,62	23,04	19,97
Terciário	67,66	67,98	70,26	66,71	63,42	64,17	65,03	65,03	71,89	74,83
Salários mínimos										
Média	4,15	3,25	4,20	2,93	5,21	5,21	4,04	3,26	5,29	4,80
Anos de estudo										
Média	6,29	4,58	6,36	4,83	6,48	5,33	6,08	4,92	6,85	5,04
Idade										
Média	39,89	29,28	39,77	34,36	42,18	35,34	40,56	34,74	39,18	34,75

QUADRO 2: Perfil dos migrantes

Cidades Médias	BETIM		IPATINGA		UBERABA		VARGINHA		JUÍZ DE FORA	
	Migrantes	Não-migrantes	Migrantes	Não-migrantes	Migrantes	Não-migrantes	Migrantes	Não-migrantes	Migrantes	Não-migrantes
Participação Relativa	65	35	54,32	45,68	43,4	56,6	41,57	58,43	41,11	58,89
Sexo										
Masculino	49,4	50,69	47,75	50,46	47,22	49,45	47,96	50,3	45,65	48,95
Feminino	50,6	49,31	52,25	49,54	52,78	50,55	52,04	49,7	54,35	51,05
Cor/Raça										
Branca	40,28	41,94	50,47	46,6	70,86	69,1	70,68	66,01	69,96	60,96
Preta	8,31	8,1	6,53	5,95	7,58	8,72	7,64	8,97	9,1	14,41
Parda	50,53	49,24	42,2	46,92	20,32	21,14	20,91	24,19	19,89	23,77
Outras	0,87	0,72	0,81	0,54	1,23	1,04	0,77	0,83	1,05	0,88
Vive em companhia	66,91	44,18	70,9	37	62,96	52,5	66,12	54,35	61,79	51,79
cônjuge/companheiro	13,53	8,99	12,91	6,59	19,16	13,51	15,49	10,62	18,25	13,8
Nunca	19,56	46,83	16,18	56,41	17,88	33,99	18,39	35,04	19,96	34,41
Sabe	87,83	63,05	89,74	75,64	90,62	80,55	90,7	78,91	93,08	81,47
Não sabe	12,17	36,95	10,26	24,36	9,38	19,45	9,3	21,09	6,92	18,53
Setor de atividade	1,77	1,33	1,78	1,69	7,32	6,76	9,58	11,87	1,86	2,06
Primário	35,65	33,86	36,07	34,29	24,08	22,91	24,75	27,54	23,97	26,22
Secundário	59,78	61,8	61,53	63,59	68	69,65	65,32	60,37	72,66	70,59
Terciário	3,28	3,28	4,94	2,92	5,08	4,71	5,58	4,02	5,42	4,38
Salários mínimos	5,48	3,63	6,38	4,85	6,56	5,49	6,92	5,19	7,37	5,45
Anos de estudo	30,80	37,63	40,73	28,13	41,96	36,56	40,59	36,27	42,34	37,02
Idade										

FONTE: IBGE, 2000

Já para o quesito de raça/cor a maioria das cidades apresenta a raça branca como predominante seguida de parda, preta e outras. As cidades de Montes Claros, Sete Lagoas e Betim apresentam maior percentual nas raças parda, branca, preta e outras. Essa distribuição de raças também se dá de acordo o padrão da população brasileira.

Nos setores da atividade econômica há destaque para o setor terciário, seguido pelo secundário e, por fim, o primário. Já em relação ao casamento, há mais migrantes que vivem ou já viveram com cônjuge do que os não-migrantes.

Em todos os municípios há mais pessoas que sabem ler e escrever do que não sabem. Apesar de as duas categorias apresentarem valores altos, os migrantes que sabem ler possuem um percentual muito superior aos não-migrantes, indicando que as pessoas que saem de determinada região são mais qualificadas.

Também em todas as cidades médias, os migrantes possuem maior média de salários mínimos, de anos de estudo e de idade em relação às pessoas que nunca migraram.

A maior alfabetização dos migrantes lhes rende maiores salários, e a idade se concentra em torno da idade ativa para o trabalho (entre 20 e 70 anos), situação em que a qualificação já está completa, assim como visto nos estudos de Sachsida *et al* (2009). O fato dos migrantes terem uma maior média de renda, mais anos de estudo e serem mais alfabetizados reflete a condição da seletividade positiva.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho investigou a origem dos migrantes que vão em direção às cidades médias mineiras e foi possível concluir que essas cidades são, de fato, “diques” dentro da rede urbana do estado, centros de atração para os migrantes tanto das metrópoles quanto das pequenas e médias cidades próximas.

O surgimento de economias de aglomeração nesses centros médios, inclusive com apoio governamental, possibilitou que se tornassem pólos de absorção populacional, principalmente após os anos 70. Assim, essas cidades se tornaram uma alternativa às metrópoles, pois são centros urbanos não tão grandes a ponto de ter deseconomias de aglomeração e outros problemas das metrópoles, nem tão pequenos, sendo capazes de suprir as necessidades dos indivíduos da própria cidade como da região ao seu redor.

Em termos da origem do migrante, as metrópoles que mais enviam migrantes para as cidades médias mineiras são São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, coincidentemente as maiores cidades da região Sudeste e do país.

Além disso, verificou-se também que o perfil do migrante que vai para as cidades médias mineiras se assemelha aos obtidos para o Brasil de que a raça e o sexo não são determinantes para a decisão de migrar. A idade parece determinar a decisão de migrar dos indivíduos, pois pessoas muito idosas ou muito novas não migram muito. A educação também parece influenciar, pois pessoas mais qualificadas se movem mais, ou seja, os migrantes mineiros são positivamente selecionados.

6. REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O.; SERRA, R. V., Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. **Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. Acesso em: 19/11/2009. Disponível em: http://desafios.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cidadesmediabrasileiras/capitulo1_evolucao.pdf

ANDRADE, T. A. ; SERRA, R. V., **O Recente Desempenho das Cidades Médias no Crescimento Populacional Urbano Brasileiro**. Rio de Janeiro: IPEA, Coleção Texto para Discussão, número 554, 1998. Disponível: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/td0554.pdf> Acesso em: 19/11/2009.

ANDRADE, T. A., SANTOS, A. M. S. P, SERRA, R. V., **Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período de 1980/96**. IPEA, 2000. Disponível: http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_2000/td0747.pdf Acesso em: 19/11/2009.

De HAAS, H., **Migration and Development: A Theoretical Perspective**. Oxford: International Migration Institute, University of Oxford. 2008

DINIZ, C. Desenvolvimento Poligonal no Brasil: nem desconcentração nem contínua polarização. In: **Revista Nova Economia**, V.3 n.1, Belo Horizonte, 1993. Disponível: <http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v3n1/030103.pdf> Acesso em: 05/01/2010.

GARCIA, R. A.; NOGUEIRA, M., **A inserção das cidades médias mineiras na rede urbana de Minas Gerais**. Cedeplar, UFMG, 2008. Disponível: http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2008/D08A100.pdf Acesso em: 05/01/2010.

GOLGHER, A. B.; GOLGHER, P. B., **Alguns comentários sobre a reestruturação espacial da população mineira nas décadas de oitenta e noventa**. ABEP, Unicamp, 2000. Disponível: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Alguns%20Comentários%20Sobre%20a%20Reestruturação%20Espacial....pdf> Acesso em: 16/12/2009.

GOLGHER, A.B. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: UFMG/ Cedeplar, 2004. Acesso em: 07/06/2010. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20231.pdf>

OLIVEIRA, A. T.; SIMÕES, A. G. Deslocamentos populacionais no Brasil: uma análise dos censos demográficos de 1991 e 2000. In: **14º Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, 2004, Minas Gerais. Acesso em: 16/12/2009. Disponível: http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_83.pdf

PEREIRA, F. M.; LEMOS, M. B., **Cidades médias mineiras: uma visão nacional e regional**. Cedeplar, UFMG, 2004. Disponível: <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A007.PDF> Acesso em: 06/01/2010.

RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. **Movimentos populacionais e as cidades médias de Minas Gerais**. ABEP, 2002. Disponível: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST4/Irineu.pdf> Acesso em: 17/12/2009.

SACHSIDA, A; CASTRO, P.F; MENDONÇA, M.J.C de; ALBUQUERQUE, P.H. **Perfil do migrante brasileiro**. Brasília; IPEA; c2009. 39 p. (IPEA - Texto para discussão, n. 1410). 330.981 23 n.1410. Acesso em: 07/06/2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1410.pdf

SANTOS, A. M. P., **Cidades médias como instrumentos da descentralização espacial: o caso do Rio de Janeiro**, 2002. Disponível: <http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/handle/2011/25381?show=full> Acesso em: 21/12/2009.

SANTOS JR., C.; FERREIRA, P. C. **Migração e distribuição regional de renda no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. Texto para discussão. Acesso em: 24/05/2010. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/956/1336.pdf;jsessionid=D93E5B4D48034D2B42F6D14E4ED9FB91?sequence=1>

SERRA, R. V., Desconcentração Urbana e Oportunidades de Trabalho: um estudo da integração dos imigrantes no mercado de trabalho das cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras. In: **I e II Concurso Nacional de Monografias Sobre População e Desenvolvimento**, 1998/1999, Brasília. *Anais*. Brasília: Ministério da Fazenda, Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 1999. 116p. p 93-116. Disponível: <http://www.nemesis.org.br/artigos/a0028.pdf> Acesso em: 21/12/2009.

ⁱ As pessoas mudam quando migram e as regiões também mudam, pois há troca de experiências entre as pessoas e mudanças no desenvolvimento das regiões envolvidas.

ⁱⁱ Durante o período de 1950/1970, a distribuição das cidades avançou para uma forma hierarquicamente mais equilibrada, ou seja, com menor polarização entre metrópoles e pequenas cidades, e maior presença de centros intermediários

ⁱⁱⁱ Contudo, a tecnologia salienta o papel das metrópoles, as quais concentram os grandes centros de pesquisa e serviços de níveis superiores.

^{iv} Comparando os dados da tabela 2 com os dados do gráfico 1.

^v Por ser o mais recente a que se tem acesso.